



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA CAMPUS IV -
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA EDUARDA DA SILVA PEREIRA

**A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
Leitura da narrativa *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes**

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2025

MARIA EDUARDA DA SILVA PEREIRA

**A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
Leitura da narrativa *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436r Pereira, Maria Eduarda da Silva.

A representatividade feminina na literatura infantojuvenil [manuscrito] : leitura da narrativa Angélica, de Lygia Bojunga Nunes / Maria Eduarda da Silva Pereira. - 2025.
30 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Leitura Infantojuvenil. 2. Representatividade feminina. 3. Narrativa. 4. Lygia Bojunga Nunes. I. Título

21. ed. CDD 869.1

MARIA EDUARDA DA SILVA PEREIRA
A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA LITERATURA INFANTOJUVENIL:
Leitura da narrativa *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes

APROVADO EM: 05 de junho de 2025.

Vaneide Lima Silva

Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Jordânia Dantas Freire

Prof^ª. Ma. Jordânia Dantas Freire

Examinadora Externa - IFRN

Natan Severo de Sousa

Prof. Me. Natan Severo de Sousa

Examinador – UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2025

DEDICO este trabalho, a Deus, por me conceder força, sabedoria e coragem ao longo dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa mais do que o encerramento de uma etapa acadêmica: é também a concretização de um sonho.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter sido meu sustento em cada momento de dificuldade, por me fortalecer quando o cansaço batia e por me lembrar diariamente do propósito de seguir em frente.

Agradeço imensamente à minha família, que sempre acreditou em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma duvidei. Em especial, à minha mãe, Heloiza Cristina da Silva, por seu amor incondicional, suas palavras de apoio e por me ensinar, com o exemplo, a ser forte. À minha avó, Aldina Maria da Conceição, com quem cresci e que foi, é e sempre será minha base, meu colo e minha inspiração de vida.

Agradeço a mim mesma, com orgulho e carinho, pelo esforço, pela coragem de continuar mesmo diante das dificuldades, por ter acreditado que eu era capaz.

Às minhas amigas de faculdade, que dividiram comigo risos, lágrimas, noites em claro e todo o peso – e beleza – desse processo. Sem vocês, a jornada não teria sido a mesma.

Aos meus amigos, que me acompanharam em paralelo, torcendo por mim, oferecendo distrações quando eu mais precisava.

A todos vocês, minha eterna gratidão. Este trabalho é também de vocês.

“A literatura infantil é um espelho no qual a criança busca se reconhecer e compreender o mundo ao seu redor. Quando as personagens femininas são representadas de forma limitada ou estereotipada, meninas aprendem, desde cedo, que há fronteiras para seus sonhos e comportamentos. Inserir figuras femininas fortes, diversas e autônomas nas narrativas é uma forma de educar para a igualdade e para o respeito à pluralidade.”

(Nelly Novaes Coelho, 2000)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação feminina na narrativa *Angélica* (2013), de Lygia Bojunga Nunes, a partir de uma leitura crítica que considera os recursos simbólicos e narrativos utilizados pela autora. Mais especificamente, buscamos identificar e caracterizar os personagens femininos da narrativa, bem como compreender como esses personagens se posicionam diante das convenções sociais, culturais e familiares. Além disso, busca-se refletir sobre a importância da leitura dessa obra para a formação de leitores críticos e sensíveis às questões sociais, sobretudo no contexto escolar, onde a literatura infantojuvenil pode se tornar uma importante ferramenta de discussão e emancipação. A escolha da obra justifica-se pela relevância da escrita de Bojunga no cenário da literatura infantojuvenil brasileira, marcada por uma abordagem sensível e profunda de temas como identidade, liberdade e desigualdades de gênero. A pesquisa parte do reconhecimento de que as mulheres ainda ocupam um lugar socialmente marginalizado e de que a literatura destinada ao público jovem pode atuar como instrumento de reflexão e formação cidadã. De natureza bibliográfica, o estudo fundamenta-se em autores como Coelho (2002), Lajolo (2006), Zilberman (2006), entre outros que discutem literatura infantil e questões de representatividade. A análise evidenciou que a protagonista Angélica rompe com estereótipos tradicionalmente atribuídos às personagens femininas, emergindo como símbolo de resistência, autonomia e crítica social. A narrativa se configura, portanto, como uma ferramenta potente para a formação de leitores críticos e sensíveis às desigualdades sociais, especialmente as de gênero, contribuindo com práticas pedagógicas voltadas à emancipação e à cidadania.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura Infantojuvenil; Representatividade feminina; Narrativa; Lygia Bojunga Nunes.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze female representation in the narrative *Angélica* (2013), by Lygia Bojunga Nunes, based on a critical reading that considers the symbolic and narrative resources used by the author. The specific objective is to identify and characterize the female characters in the narrative, as well as to understand how these characters position themselves in the face of social, cultural and family conventions. In addition, the aim is to reflect on the importance of reading this work for the formation of critical readers who are sensitive to social issues, especially in the school context, where children's literature can become an important tool for discussion and emancipation. The choice of the work is justified by the relevance of Bojunga's writing in the Brazilian children's literature scene, marked by a sensitive and profound approach to themes such as identity, freedom and gender inequalities. The research is based on the recognition that women still occupy a socially marginalized place and that literature aimed at young audiences can act as an instrument for reflection and citizen education. Of a bibliographical nature, the study is based on authors such as Coelho (2002), Lajolo (2006), Zilberman (2006), among others who discuss children's literature and issues of representativeness. The analysis showed that the protagonist *Angélica* breaks with stereotypes traditionally attributed to female characters, emerging as a symbol of resistance, autonomy and social criticism. The narrative is therefore a powerful tool for training critical readers who are sensitive to social inequalities, especially gender inequalities, contributing to pedagogical practices aimed at emancipation and citizenship.

KEYWORDS: Children's Literature; Female representation; Narrative; Lygia Bojunga Nunes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A MULHER NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA.....	13
3. LYGIA BOJUNGA NUNES E A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA.....	16
3.1 A relevância da obra de Lygia Bojunga na formação de leitores	17
4. LEITURA DE <i>ANGÉLICA</i> : A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM LYGIA BOJUNGA NUNES.....	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

Entre os autores estudados ao longo do componente Literatura Infantojuvenil, ofertado no Curso de Letras do Departamento de Letras e Humanidades, Campus IV da UEPB, a escritora Lygia Bojunga Nunes se destaca pela originalidade com que constrói seus personagens e cenários, transitando entre situações realistas e elementos fantásticos. Sua obra, marcada por uma linguagem sensível e criativa, propõe discussões profundas sobre temas como amizade, relações familiares, crescimento pessoal, identidade e desigualdades sociais, incluindo as questões de gênero. Dentre suas produções, a narrativa *Angélica* (2013¹), foi escolhida como objeto de análise deste trabalho por apresentar uma protagonista feminina que rompe com os papéis tradicionais impostos às mulheres, tornando-se um exemplo potente de resistência e autonomia.

O presente estudo tem como objetivo principal investigar de que maneira a mulher é representada na obra *Angélica*, analisando os recursos simbólicos e narrativos utilizados por Bojunga para desconstruir estereótipos e propor novos modelos de identidade feminina. Objetivo específico é identificar e caracterizar os personagens femininos da narrativa, bem como compreender como esses personagens se posicionam diante das convenções sociais, culturais e familiares. Além disso, busca-se refletir sobre a importância da leitura dessa obra para a formação de leitores críticos e sensíveis às questões sociais, sobretudo no contexto escolar, onde a literatura infantojuvenil pode se tornar uma importante ferramenta de discussão e emancipação. Especificamente, pretende-se identificar e caracterizar os personagens femininos da narrativa, bem como compreender como esses personagens se posicionam diante das convenções sociais, culturais e familiares. Além disso, busca-se refletir sobre a importância da leitura dessa obra para a formação de leitores críticos e sensíveis às questões sociais, sobretudo no contexto escolar, onde a literatura infantojuvenil pode se tornar uma importante ferramenta de discussão e emancipação.

1 Embora a primeira edição de *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes, tenha sido publicada em 1975, a edição utilizada nesta análise é a de 2013, publicada pela Casa Lygia Bojunga, que mantém o texto original da autora, com nova diagramação e projeto gráfico.

Dessa forma, justifica-se esta escolha pela constatação de que a mulher, embora tenha conquistado maior visibilidade ao longo da história, ainda enfrenta processos de marginalização e silenciamento, inclusive nas representações literárias destinadas ao público infantil e juvenil. Assim, analisar uma obra como *Angélica*, que problematiza essas questões por meio de metáforas e personagens simbólicos, é fundamental para ampliar o debate sobre igualdade de gênero e cidadania, especialmente a partir da mediação da leitura na escola.

Metodologicamente, trata-se de um estudo de caráter bibliográfico, conforme orienta Gil (2008), baseado em livros, artigos e estudos críticos já publicados. A análise da obra é fundamentada teoricamente em autoras como Coelho (2002), Lajolo (2006), Zilberman (2006), e ainda em contribuições de estudiosos que abordam a questão da representatividade feminina na literatura, como Paulino (2014), Dantas (2024) e Ando e Silva (2006).

Os resultados da leitura e análise da obra indicam que Lygia Bojunga Nunes constrói uma protagonista emancipada e crítica, cuja trajetória é marcada pela recusa das imposições patriarcais, pela busca de autonomia e pela valorização da escuta, do afeto e da verdade. Além de Angélica, outras personagens femininas da narrativa — como Jandira e Mimi-das-Perucas — também oferecem visões plurais da experiência feminina, contribuindo para a formação de um imaginário mais inclusivo e diversificado. Dessa forma, a obra reafirma o potencial da literatura infantojuvenil como espaço de reflexão ética, estética e cidadã, fortalecendo a leitura crítica do mundo desde a infância.

2. A MULHER NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Este tópico objetiva situar a produção de autoria feminina no contexto da Literatura infantil brasileira, apresentando, num primeiro momento, estudos que abordam a produção de autoria feminina no âmbito em geral, situando historicamente o leitor em torno dessa temática, para, num segundo momento, destacar esse tipo de produção no contexto da literatura infantil brasileira.

Ao longo da trajetória da literatura brasileira, a participação da mulher como autora foi, historicamente, marcada por silenciamentos, exclusões e restrições impostas por uma estrutura social patriarcal (Teixeira, 2008). Durante muito tempo, à figura feminina foi reservado o papel de musa ou leitora, raramente o de escritora. Como observa Zolin (2009), o ingresso da mulher no campo literário ocorreu de forma gradual e enfrentando diversas barreiras de ordem social e cultural. A escrita feminina permaneceu, por longos períodos, vinculada ao universo do íntimo, do doméstico e do confessional — domínios tradicionalmente desvalorizados ou marginalizados pelo cânone literário.

Sob esse aspecto Zolin (2009) destaca que, embora o número de autoras tenha crescido consideravelmente nos séculos XIX e XX, foi apenas com a ascensão dos movimentos feministas e com o fortalecimento dos debates de gênero que as mulheres passaram a ocupar lugares mais significativos no cenário literário. A partir desse contexto, a escrita feminina passou a abordar criticamente temas como o corpo, a identidade, o papel social da mulher e as imposições culturais que lhe são atribuídas. Nesse sentido, a literatura torna-se um espaço de resistência, de denúncia e de reinvenção subjetiva.

No campo da literatura infantil, a atuação das autoras também representou um marco importante. Historicamente, as personagens femininas nesses livros eram frequentemente retratadas de forma estereotipada, assumindo papéis passivos como princesas frágeis, mães devotadas ou fadas benevolentes (Zolin, 2009). Contudo, a presença crescente de escritoras, especialmente a partir da segunda metade do século XX, promoveu uma ressignificação dessas representações. Passou-se a construir narrativas que apresentam figuras femininas mais complexas, críticas e ativas, assumindo o protagonismo de suas próprias trajetórias (Gomes; Batista, 2021).

A esses exemplos autoras como Ana Maria Machado, Ruth Rocha e

Lygia Bojunga Nunes foram fundamentais nessa transformação. Suas obras apresentam meninas e mulheres que pensam, decidem, erram, aprendem e rompem com os modelos impostos, ocupando um espaço de fala que historicamente lhes foi negado. A produção literária dessas autoras tem papel essencial na transformação dos papéis femininos na literatura infantil, proporcionando às crianças modelos femininos mais ativos, questionadores e protagonistas (Pondé, 1995; Gomes; Batista, 2021).

Autoras como Marina Colasanti têm se destacado na desconstrução de estereótipos de gênero, ao propor narrativas que rompem com a representação passiva e submissa da mulher, enfatizando a inteligência, autonomia e força de suas personagens (Paulino, 2014). De modo semelhante, Ana Maria Machado e Ruth Rocha produzem uma literatura infantil que pode ser encarada como instrumento para discutir questões como igualdade de gênero, cidadania e empoderamento, desafiando padrões tradicionais e promovendo reflexões críticas entre os jovens leitores (Pirola; Oliveira, 2017).

A literatura infantil escrita por mulheres também se destaca pelo compromisso com a diversidade e a inclusão. Autoras como Tatiana Belinky e Eva Furnari vêm se somar ao desenvolvimento de narrativas criativas e lúdicas que rompem com os padrões tradicionais, desafiando normas sociais e promovendo o pensamento crítico desde a infância (Ritter, 2020). Esse movimento literário representa uma nova forma de narrar, alinhada às demandas contemporâneas, possibilitando que as crianças se identifiquem com diferentes formas de existência e expressão (Silva; Nascimento, 2021).

Pesquisas realizadas por Nelly Novaes Coelho (2000) e Regina Zilberman (2005) reforçam essa transformação, ao apontarem que as escritoras conquistaram um espaço de relevância na literatura infantil brasileira, contribuindo com novas abordagens e perspectivas para o gênero. Esse processo foi impulsionado, sobretudo, pelo crescimento do mercado editorial voltado ao público infantil e juvenil nas décadas de 1970 e 1980, contexto em que autoras como Ana Maria Machado e Ruth Rocha se consolidaram como referências centrais nesse cenário literário.

Dessa forma, ao refletirmos sobre a atuação feminina na literatura infantil brasileira, é essencial reconhecer não apenas sua presença enquanto autoras, mas também a maneira singular com que imprimem em suas obras

um olhar sensível, crítico e transformador. A produção literária das mulheres tem desempenhado um papel relevante na construção de um imaginário coletivo mais inclusivo, contribuindo para a valorização da figura feminina na literatura e para a superação de estereótipos de gênero, por meio de narrativas que espelham a diversidade e a complexidade das experiências contemporâneas. Vejamos a seguir, algumas considerações em torno da obra de Lygia Bojunga Nunes, autora selecionada para a elaboração desse trabalho, cuja produção se estende para crianças e jovens adolescentes.

3. LYGIA BOJUNGA NUNES E A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Durante o regime militar brasileiro (1964–1985), marcado por intensas restrições às liberdades individuais e repressão política, as mulheres enfrentavam barreiras estruturais à sua emancipação. No campo da literatura infantojuvenil, algumas autoras passaram a incorporar, mesmo que de forma velada, críticas sociais e políticas em suas obras, utilizando recursos simbólicos e alegorias para abordar as tensões do contexto autoritário (Morais, 2018). Um exemplo marcante é *O Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha, publicado em 1973, que utiliza uma narrativa aparentemente lúdica para denunciar abusos de poder e destacar a importância da liberdade e da autonomia individual.

Segundo Moraes (2018), escritoras como Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado e Ruth Rocha utilizaram suas obras para denunciar, por meio de metáforas e simbolismos, as opressões vividas durante o período. Além disso, conforme destaca o Instituto de Leitura Quindim (2021), autoras como Marina Colasanti e Fernanda Lopes de Almeida também contribuíram para a construção de uma literatura infantil que, mesmo sob censura, promoveu reflexões sobre liberdade, resistência e consciência crítica. As narrativas dessas escritoras tornaram-se importantes instrumentos de contestação e formação cidadã.

Lygia Bojunga Nunes é amplamente reconhecida por produzir obras voltadas ao público infantojuvenil com forte teor crítico, abordando temas como liberdade, repressão, identidade e desigualdade social. Em *Angélica* (1975), por exemplo, a autora insere sua protagonista em um ambiente permeado por discursos de opressão de gênero, revelando as estruturas patriarcais que atravessam a sociedade e as relações humanas (Oliveira, 2018). Contudo, à medida que a personagem principal apresenta resistência e questionamento, observa-se um processo de emancipação que se constrói no decorrer da narrativa, como veremos adiante na análise.

Considerada uma das principais autoras da literatura infantojuvenil brasileira, Lygia Bojunga recebeu reconhecimento internacional, como o Prêmio Hans Christian Andersen, em razão da qualidade e relevância de sua obra. Sua escrita destaca-se por uma abordagem sensível e crítica de questões sociais, políticas e psicológicas, consolidando-se como um instrumento relevante na

formação de leitores conscientes (Lajolo; Zilberman, 2007).

Zilberman (1994) e Lajolo (2001) enfatizam que a obra de Bojunga rompe com estruturas narrativas convencionais ao explorar, com singularidade, a subjetividade infantil, a imaginação e a crítica social. Conforme aponta Zilberman (1994, p. 75), "a obra de Bojunga representa uma inflexão significativa na literatura para jovens, pois inaugura uma escrita que não subestima o leitor infantil e juvenil, oferecendo-lhe temas densos e uma linguagem refinada". Mas esse refinamento não resulta em rebuscamento, pelo contrário, utiliza recursos de linguagem que valoriza a fantasia e aguça a imaginação dos leitores em formação.

Dessa forma, suas obras contribuem para que o leitor jovem desenvolva uma percepção mais crítica da realidade, rompendo com estereótipos e promovendo uma literatura que valoriza a autonomia, a subjetividade e a reflexão.

3.1. A relevância da obra de Lygia Bojunga na formação de leitores

Lygia Bojunga Nunes é reconhecida por sua capacidade de articular elementos da fantasia com questões profundamente humanas, sociais e psicológicas, proporcionando aos leitores em formação um espaço fértil para o exercício da reflexão crítica. Sua literatura, embora voltada a crianças e jovens, rompe com a superficialidade e a linearidade tradicionalmente atribuídas a esse universo, convidando o leitor a um envolvimento sensível, ativo e interpretativo.

Segundo Pérez Arenas (2024, p. 179), "[...]a literatura de Lygia Bojunga Nunes é, como sustentava Jean-Paul Sartre, um regalo e uma exigência para o leitor". Essa afirmação revela que sua obra não apenas presenteia o leitor com uma narrativa envolvente e rica em simbolismos, mas também o convoca a posicionar-se diante dos temas abordados. Em suas histórias, a linguagem é usada como ferramenta de libertação e questionamento — estratégia que se evidencia na forma como a autora tensiona as fronteiras entre o real e o fantástico, o concreto e o simbólico.

Nesse sentido, a construção textual proposta por Bojunga exige que o leitor atue como um coautor do sentido, estabelecendo conexões entre os acontecimentos narrados, as experiências das personagens e o contexto social

em que se inserem. Como observam Ando e Silva (2006, p. 40), “[...]a autora conduz o leitor, estimulando-o a produzir as conexões textuais deixadas em suspenso”. Esse processo de interpretação ativa favorece a formação de um leitor crítico, apto a compreender e questionar estruturas de poder, desigualdades sociais e opressões simbólicas.

A obra *Angélica* (2013), por exemplo, apresenta uma protagonista que vivencia de forma sutil, mas contundente, os mecanismos de opressão de gênero. A narrativa trabalha com representações que evidenciam as tensões entre o lugar social da mulher e sua subjetividade, o que permite a jovens leitores uma identificação crítica com a experiência da personagem. Como afirma Dantas (2024, p. 72), “[...] a construção da protagonista acolhe ideologicamente os discursos de opressão de gênero, mas também os contesta”. Tal movimento de ambiguidade e ruptura possibilita ao leitor uma tomada de consciência sobre as relações de poder que estruturam a sociedade, especialmente aquelas voltadas ao papel da mulher.

Portanto, a literatura de Bojunga se configura como um espaço de mediação simbólica e formativa, no qual o leitor é convidado não apenas a consumir uma narrativa, mas a experienciá-la de maneira crítica, ressignificando-a a partir de sua própria vivência e contexto histórico. A autora, ao tensionar o literário e o político, contribui significativamente para a construção de uma prática leitora emancipadora, que valoriza a escuta, o questionamento e a reinvenção de si.

4. LEITURA DE *ANGÉLICA*: A REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM LYGIA BOJUNGA NUNES

Esse terceiro momento do artigo é dedicado ao estudo analítico da narrativa *Angélica* (2013), procurando observar de que maneira a mulher é representada na obra. Para o desenvolvimento da análise, centralizaremos a atenção na protagonista homônima, bem como em outros personagens e situações que contribuem para a construção simbólica das relações de gênero. O enredo é marcado por uma linguagem metafórica e pela presença de personagens-animais que espelham questões humanas, como a exclusão, a busca por identidade e a opressão cultural.

A análise da representação de gênero na narrativa pode ser enriquecida a partir da teoria feminista proposta por Joan Scott (1990), que define gênero como uma categoria útil para a análise histórica. Para a autora, gênero não é apenas uma diferença entre os sexos, mas um modo primário de significar as relações de poder na sociedade. Isso significa que os papéis atribuídos a mulheres e homens são construções culturais que se consolidam historicamente por meio de discursos, instituições e práticas sociais, e não determinações biológicas ou naturais. Como afirma a autora: “O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1990, p. 86). Essa perspectiva permite compreender que as representações femininas na literatura como a de *Angélica* carregam sentidos ideológicos que refletem e contestam essas construções.

No caso da personagem Angélica, sua trajetória representa uma quebra com os papéis sociais de gênero tradicionais, como a maternidade compulsória, a submissão e a docilidade feminina. Ao recusar o papel simbólico atribuído às cegonhas “carregar bebês” e afirmar o direito de ser autêntica, a personagem encarna um gesto político de resistência. Para Scott (1990), esse tipo de ação revela a instabilidade das categorias de gênero e mostra como elas podem ser desconstruídas. Angélica não apenas rejeita um papel imposto, mas também denuncia o custo simbólico de sustentar “mentiras” sociais em nome da aceitação. Sua atitude alinha-se a uma visão feminista que entende o gênero como um campo de disputa, em que os sujeitos constroem seus lugares por meio

da contestação e da ressignificação das normas.

Logo nas primeiras páginas, o leitor é apresentado ao personagem Porco, que questiona sua condição existencial, enfrentando rejeições sociais e estigmas atribuídos à sua "espécie". À medida que se sente desumanizado e marginalizado, porco opta por mudar seu nome para Porto, um ato simbólico de reinvenção de si e de resistência identitária. Essa ação pode ser lida como uma tentativa de romper com um destino imposto, abrindo espaço para a construção de uma nova identidade mais aceita socialmente.

A personagem Angélica surge na narrativa como uma cegonha musicista que também rompeu com os padrões familiares e culturais de sua origem. Ela confessa não se conformar com as "mentiras" impostas por sua família, o que a levou a abandonar seu país e buscar autonomia em outro lugar. Seu relato carrega um forte simbolismo de resistência feminina frente às normas patriarcais, como revela a seguinte passagem: "quando é pra viver o tempo todo enganando os outros e fingindo uma coisa que eu não sou, ah isso eu não topo! De jeito nenhum" (Bojunga, 2013, p. 43).

Angélica representa, portanto, uma personagem feminina emancipada, que assume sua individualidade com convicção. Sua presença na narrativa provoca reflexões no protagonista masculino, que se vê confrontado com estereótipos de gênero, como a ideia de que "homem que é homem paga o jantar" (Bojunga, 2013, p. 55). Esse trecho evidencia a construção crítica que a autora propõe ao expor e tensionar ideias arraigadas na cultura patriarcal.

A relação entre Porto e Angélica não se estabelece com base em papéis tradicionais, mas por meio de um processo de reconhecimento e afeto construído pela escuta e pelo acolhimento das vulnerabilidades de cada um. Angélica, mesmo percebendo as limitações do outro, oferece apoio e ensina, como no momento em que se propõe a alfabetizar Porto: "Você querendo, eu te ensino" (Bojunga, 2013, p. 49). Essa atitude rompe com o estereótipo da fêmea submissa, apresentando uma mulher autônoma e solidária.

Dessa forma, a obra *Angélica* (2013) se constitui como um importante texto da literatura infantojuvenil brasileira no que se refere à representação feminina. A autora promove, por meio de imagens simbólicas e recursos lúdicos, uma discussão profunda sobre gênero, identidade e transformação social, abrindo caminho para a formação de leitores sensíveis e conscientes quanto às

questões da diferença e da igualdade.

Outro aspecto significativo da representação feminina em *Angélica* diz respeito à maneira como a protagonista se posiciona frente às convenções sociais e às expectativas impostas sobre seu comportamento e papel. A personagem recusa a repetição de um destino previamente traçado, como se evidencia na sua rejeição à função tradicional das cegonhas — “carregar bebês” —, gesto que simboliza a ruptura com um modelo feminino historicamente vinculado à maternidade compulsória e ao cuidado abnegado. Essa recusa é explicitada quando Angélica afirma: “Mas se a gente sabe que é mentira, a gente não pode passar a mentira pros outros! A gente tem que parar e dizer: é mentira! Essa ideia não vale!” (Bojunga, 2013, p. 56). A indignação expressa nesse trecho evidencia o posicionamento crítico da personagem diante de papéis sociais impostos, revelando um desejo profundo de autonomia e autenticidade, em contraste com a lógica patriarcal da submissão e do silêncio.

O diálogo completo com o personagem Lutero torna essa tensão ainda mais explícita:

ANGÉLICA: “Mas, se a gente sabe que é mentira, como é que a gente vive espalhando essa ideia? Como é que a gente tem até bandeira bordada com cegonha carregando bebê?”

LUTERO: “Porque é por causa dessa mentira que a gente vive bem, que a gente ganha presente, que todo mundo nos respeita, que...”

ANGÉLICA: “Mas se a gente sabe que é mentira, a gente não pode passar a mentira pros outros! A gente tem que parar e dizer: é mentira! essa ideia não vale!” (Bojunga, 2013, p. 56)

Sua fala carrega uma forte carga simbólica. Ao declarar que “essa ideia não vale”, ela deslegitima uma função que lhe é socialmente atribuída e denuncia o custo existencial de viver sob a conveniência das aparências. Trata-se de uma ética da autenticidade e da resistência: Angélica se recusa a reproduzir modelos que aprisionam, mesmo que isso represente perder privilégios simbólicos.

Nesse excerto, Lygia Bojunga insere uma crítica contundente à perpetuação de convenções sociais sustentadas por ideias naturalizadas — neste caso, a associação simbólica entre a figura da cegonha e o papel materno da mulher. Ao questionar a manutenção dessa “mentira” cultural, Angélica encarna uma voz dissidente diante de uma tradição aceita sem reflexão crítica, funcionando como metáfora da resistência feminina.

Lutero, em contrapartida, representa o pensamento conformista que

naturaliza a opressão em nome da estabilidade social. Sua justificativa — “porque é por causa dessa mentira que a gente vive bem” (Bojunga, 2013, p. 70) — revela como os sistemas de dominação não se perpetuam apenas por imposição, mas também pela aceitação passiva e pelas recompensas associadas ao conformismo.

A atitude de Angélica rompe com esse ciclo de cumplicidade e silenciamento. Ao reivindicar a necessidade de romper com discursos falsos, a personagem assume um gesto de desobediência simbólica e epistemológica, alinhando-se às perspectivas feministas que denunciam a maternidade compulsória como uma construção cultural hegemônica.

Este é, portanto, um momento-chave da narrativa, em que a personagem feminina não apenas questiona o sistema, mas propõe outra forma de existir: uma existência ancorada na verdade, na liberdade e na autonomia. Essa cena reafirma o papel da literatura de Bojunga como instrumento de crítica social e formação de leitores conscientes das estruturas que atravessam gênero, identidade e poder.

Esse posicionamento questionador rompe com o estereótipo da fêmea dócil, reprodutora e conformada, apresentando ao leitor uma figura feminina crítica e engajada na construção de sua autonomia. A metáfora do voo, presente ao longo do livro, pode ser interpretada como um signo da liberdade buscada por Angélica — liberdade de pensamento, de escolha e de deslocamento. Sua migração para outro país, motivada pela vontade de não viver sob falsidades, representa uma metáfora potente do rompimento com a imposição cultural e familiar, reiterando a importância do direito de decidir sobre a própria vida. Esse desejo é explicitado na seguinte passagem:

LUX: Angélica, eu li um livro tão bacana! [...] diz que o mundo tem uns países que não têm cegonha. Aí eu pensei: taí, a Angélica devia ir morar num país assim. [...]

ANGÉLICA: E você pensa que eu já não pensei nisso, Lux?

LUX: Já, é?

ANGÉLICA: Outro dia mesmo eu disse que ia pra um desses países, mas aí o papai disse que não. (Bojunga, 2013, p. 97).

A negativa do pai, nesse contexto, simboliza o controle familiar e social sobre o corpo e o destino da mulher, ao passo que a resistência de Angélica

reafirma sua busca por autonomia e autenticidade. Trata-se de um gesto de ruptura que expressa o desejo de viver em um lugar onde não seja necessário fingir — uma metáfora que vai além do espaço geográfico e atinge o campo simbólico das relações de poder e identidade.

Além disso, o diálogo entre Angélica e Porto serve como dispositivo narrativo para problematizar não apenas o lugar da mulher, mas também o comportamento masculinizado moldado pelo machismo. Porto, inicialmente inseguro e introvertido, reproduz frases prontas e ideias estereotipadas sobre o que significa “ser homem”. Esse aspecto é evidenciado no trecho em que, após Angélica pagar a conta do jantar, ele afirma:

- Puxa, que vergonha.
- O quê?
- Você pagou a conta pra mim.
- Ué: se você pagasse a conta pra mim eu não ia achar vergonha nenhuma.
- Ah, mas é diferente.
- Não sei porquê.
- Porque é, ué.
- Porque é ué não explica nada.
- Porque é o homem que tem sempre que pagar: é por isso.
- Ih Porto, essa ideia é tão antiquinha!
- Foi sempre assim” (Bojunga, 2013, p. 35-36).

Esse diálogo expõe com clareza como Porto está preso à noção de que masculinidade se traduz em poder econômico e desempenho de funções específicas dentro de uma lógica patriarcal. Sua “vergonha” reflete a cobrança internaizada de exercer domínio sobre a situação e, especialmente, sobre a mulher — ideia reforçada pela cultura tradicional.

Esse diálogo explicita a internalização de um modelo patriarcal em que o homem deve exercer domínio, inclusive financeiro, sobre a mulher. A “vergonha” sentida por Porto revela como tais expectativas moldam emocionalmente os sujeitos masculinos, restringindo-os a papéis de poder e provimento. Como observam Ando e Silva (2005), *Angélica* “questiona o comportamento machista de Porto”, mostrando que os estereótipos de gênero impactam negativamente ambos os sexos, ao impor condutas rígidas e inquestionáveis.

A interação entre os personagens revela a força transformadora da presença feminina crítica na narrativa. Angélica, com seu posicionamento firme e argumentativo, rompe com os padrões esperados e provoca reflexões em

Porto, que gradualmente passa a rever suas concepções. A literatura de Bojunga, nesse contexto, promove uma “pedagogia da sensibilidade”, estimulando o leitor — especialmente o jovem — a refletir sobre as relações humanas e a naturalização das estruturas sociais. Como afirmam Ando e Silva (2006, p. 45), a obra “cria um espaço simbólico onde o leitor é convidado a reelaborar sua visão de mundo e a questionar estruturas aparentemente naturais”.

A leitura da obra *Angélica* permite identificar como Lygia Bojunga Nunes constrói, por meio de recursos simbólicos e narrativos singulares, uma representação feminina que rompe com estereótipos e evidencia processos de emancipação subjetiva. A personagem-título encarna uma figura feminina crítica, autônoma e sensível, cuja trajetória revela resistências às normas patriarcais e ao destino socialmente imposto às mulheres.

A relação entre Angélica e Porto constitui, ainda, uma metáfora para a desconstrução de papéis tradicionais de gênero, promovendo um espaço dialógico e de transformação mútua. Ao colocar uma mulher como sujeito ativo do cuidado, do ensino e da escuta, Bojunga propõe novas possibilidades de interação e convivência, baseadas na horizontalidade e no respeito às diferenças.

Além do casal protagonista, a narrativa de *Angélica* apresenta uma rica galeria de personagens secundários que contribuem significativamente para a construção simbólica e crítica da obra. Entre eles, destaca-se Lutero, irmão de Angélica, que representa a voz conservadora da família. É ele quem reforça a manutenção das “mentiras” sociais — como a associação entre cegonhas e maternidade — em nome do conforto, da reputação e da aceitação coletiva. Já

Jandira, uma crocodila que vive em constante tensão com seu parceiro Jota, simboliza a mulher que, embora ciente das desigualdades de gênero que a atravessam, permanece em relações marcadas por atitudes machistas e hierarquias afetivas. Sua resistência se manifesta em gestos cotidianos, falas irônicas e críticas diretas ao comportamento do companheiro, revelando um incômodo persistente diante dos papéis tradicionais atribuídos à figura feminina.

Diferente de Angélica, que rompe de forma clara com as imposições sociais, Jandira representa uma resistência silenciosa, porém igualmente significativa. Ela encarna a experiência de muitas mulheres que, mesmo

reconhecendo a opressão, permanecem presas a laços afetivos, normas sociais ou dependências culturais. Sua presença na narrativa amplia a diversidade de representações femininas, oferecendo ao leitor uma imagem realista e crítica da resistência que se constrói dentro dos limites do possível.

Outra figura simbólica importante é Mimi-das-Perucas, evocada com ternura pelo sapo viúvo que cuida dos sete sapinhos. Embora ausente fisicamente da trama principal, Mimi permanece viva na memória de quem a conheceu. Seu nome extravagante e sua associação às perucas coloridas apontam para uma mulher vaidosa, independente e autêntica, que soube afirmar sua individualidade mesmo em um contexto normativo. A decisão da autora de apresentar Mimi apenas pela memória afetiva acentua sua força simbólica: ela representa uma feminilidade criativa e livre, que desafia a imagem da mulher submissa e silenciosa.

Mimi pode ser lida como um arquétipo daquelas mulheres que deixaram legados subjetivos e afetivos profundos, mesmo sem ocupar o centro das narrativas. Sua presença ressoa como uma homenagem àquelas que, fora dos moldes hegemônicos, educaram, amaram e resistiram com firmeza e originalidade.

Essas personagens secundárias — Lutero, Jandira, Mimi e outros — enriquecem profundamente a obra ao oferecerem diferentes perspectivas sobre identidade, gênero, afeto e poder. A diversidade de comportamentos, conflitos e discursos presentes na narrativa amplia o repertório crítico do leitor, especialmente do público infantojuvenil, promovendo reflexões sobre o convívio com a diferença e a construção da autonomia.

Por meio de estratégias lúdicas, como o uso de animais antropomorfizados e a articulação entre o fantástico e o real, Lygia Bojunga oferece aos leitores ferramentas simbólicas potentes para a leitura crítica do mundo. Com isso, reafirma o valor da literatura como instrumento de formação ética, estética e cidadã, sobretudo quando comprometida com temas sociais e identitários desde a infância.

Assim, *Angélica* (2013) se consolida como uma obra fundamental para pensar a representatividade feminina na literatura infantojuvenil brasileira, ao mesmo tempo em que contribui para a constituição de leitores sensíveis às questões de gênero, justiça social e liberdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central analisar a representatividade feminina na narrativa *Angélica* (2013), de Lygia Bojunga Nunes, observando de que maneira a mulher é retratada na obra e quais sentidos emergem dessa construção simbólica. A análise permitiu identificar que a autora constrói, por meio de recursos narrativos sensíveis e simbólicos, uma protagonista que rompe com estereótipos de gênero, questiona normas sociais e representa um modelo de mulher autônoma, crítica e reflexiva.

A personagem Angélica se apresenta como símbolo de resistência frente às imposições patriarcais e aos papéis tradicionalmente atribuídos à figura feminina, especialmente no que diz respeito à maternidade compulsória, à docilidade e à submissão. Sua trajetória — marcada pela ruptura com o núcleo familiar e pela busca de um espaço de liberdade e autenticidade — permite ao leitor refletir sobre a construção da identidade feminina e a importância da autodeterminação. A relação que se estabelece entre Angélica e Porto revela, ainda, uma forma de convivência pautada no diálogo, na escuta e no acolhimento mútuo, rompendo com dinâmicas hierárquicas e promovendo a ideia de igualdade entre os gêneros.

Ao evidenciar esses aspectos, o estudo reforça a importância da leitura da obra de Lygia Bojunga Nunes em sala de aula, sobretudo por sua capacidade de ampliar a percepção dos estudantes acerca das questões de gênero, cidadania e justiça social. A presença de uma narrativa que questiona o status quo e propõe alternativas simbólicas à opressão social contribui significativamente para a formação de leitores críticos, capazes de problematizar o mundo à sua volta e reconhecer a diversidade como valor fundamental.

Além disso, o presente trabalho reafirma a relevância de estudos que se debruçam sobre a produção feminina na Literatura Infantil e Juvenil brasileira, campo ainda subestimado dentro da crítica literária tradicional. Compreender como as autoras constroem personagens e discursos que tensionam as estruturas sociais e propõem novas formas de representação é essencial para uma educação literária comprometida com a inclusão, a pluralidade e a

transformação social.

Estudos como este ampliam o repertório interpretativo sobre a literatura voltada à infância e juventude, ao mesmo tempo em que fornecem aos professores subsídios teóricos e metodológicos para trabalharem com temáticas complexas de maneira acessível e sensível. A leitura de obras como *Angélica* possibilita que a escola se configure como espaço de escuta, de empatia e de formação cidadã — aspectos indispensáveis em tempos de reconstrução de valores democráticos e humanos.

Assim, espera-se que esta análise contribua não apenas para o aprofundamento dos estudos em torno da obra de Lygia Bojunga Nunes, mas também para o fortalecimento do uso da literatura infantojuvenil como ferramenta de leitura crítica do mundo e de formação para a igualdade.

REFERÊNCIAS

ANDO, Marta Yumi; SILVA, Rosa Maria Graciotto. A construção das personagens femininas e a formação do leitor em *Angélica* de Lygia Bojunga Nunes. In: **15º Congresso de Leitura do Brasil**, 2006. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/alfabetica/AndoMartaYumi.htm. Acesso em: 18 de abr de 2025.

ANDO, Marta Yumi; SILVA, Rosa Maria Graciotto. A entrada do leitor no texto ficcional: uma leitura de *Angélica* de Lygia Bojunga Nunes. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 7, p. 39–53, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>. Acesso em 18 de abr de 2025.

BOJUNGA, Lygia. **Angélica**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2013.

CADEMARTORI, Ligia. **A literatura infantil: leitura do texto e formação do leitor**. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2002 .

CUNHA, Maria Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo; Ática, 2003.

DANTAS, José Claudio Gomes. **Lendo Angélica sob as lentes bakhtinianas: a presença do discurso de opressão de gênero em um romance da literatura infantojuvenil**. *Revista Estudos em Letras*, v. 5, n. 1, p. 71–89, jan.–dez. 2024. ISSN 2675-505X.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Dayses de Souza; BATISTA, Suellen Maria de Sousa. **A representatividade feminina na literatura infantil**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47929>. Acesso em: 20 de março de 2025.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 2006.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 4. ed. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 1984.

MORAIS, Josenildo Oliveira de. **A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar**. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2611>. Acesso em: 23 de março de 2025.

OLIVEIRA, Cristiane Gonçalves de. **A emancipação feminina em Angélica, de Lygia Bojunga**. In: Anais do Encontro Nacional de Literatura Infantojuvenil e Ensino. 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2018/TRABALHO_EV120_MD1_SA12_ID481_23072018202016.pdf. Acesso em: 23 de março de 2025.

PAULINO, Simone Campos. **Nos fios das narradoras: tramas e urdiduras do feminino nos contos de fadas de Angela Carter e Marina Colasanti**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://tede.unigranrio.edu.br/bitstream/tede/376/5/Simone%20Campos%20Paulino.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2025.

PÉREZ ARENAS, Maria Dolores. A escrita para jovens como espaço de resistência: Lygia Bojunga Nunes e a liberdade como estrutura ética. In: **Anais do Congresso de Literatura e Leitura**, 2024.

PIROLA, Juliana Fogaça; OLIVEIRA, Eloisa da Rosa. **Literatura infantil na escola: caminho para a diversidade?**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317292448_LITERATURA_INFANTIL_NA_ESCOLA_CAMINHO_PARA_A_DIVERSIDADE. Acesso em: 20 de março de 2025.

PONDÉ, Lúcia. **Um panorama da autoria feminina na literatura infantil**. 1995. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstreams/41b03096-e38a-4568-8c02-282dde4abf8b/download>. Acesso em: 20 de março de 2025.

RITTER, Luciana de Azevedo. **Literatura infantil em ação: as marcas da autoria feminina nas obras de Eva Furnari, Tatiana Belinky e Ruth Rocha**. Revista Disciplinarum Scientia, v. 21, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/download/10879/114115511/15304053>. Acesso em: 23 de março de 2025.

ROCHA, Ruth. **Mulher do pai, mulher da mãe, mulher de todo mundo**. São Paulo: Salamandra, 1991.

SILVA, Mônica Cristina da; NASCIMENTO, Paula de Oliveira. **Literatura e inclusão: formação do respeito à diversidade**. Brasília: MEC, 2021. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/704597/2/livro2%20%282%29.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2025.

TEIXEIRA, Níncia C. R. B. **Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses**. Guarapuava: Unicentro, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*, v. 13, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>. Acesso em: 25 de março de 2025.

ZOLIN, Lúcia Osana. Escritoras brasileiras do século XIX. In: ZOLIN, Lúcia Osana; ZULIN, Luciana (Org.). **Mulher e literatura: os desafios da crítica feminista**. Maringá: Eduem, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Literatura de autoria feminina**. In: BUENO, Douglas; RAMOS, Rosangela Patriota (org.). *História da literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos contemporâneos*. Maringá: Eduem, 2009. p. 453-470.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1990.